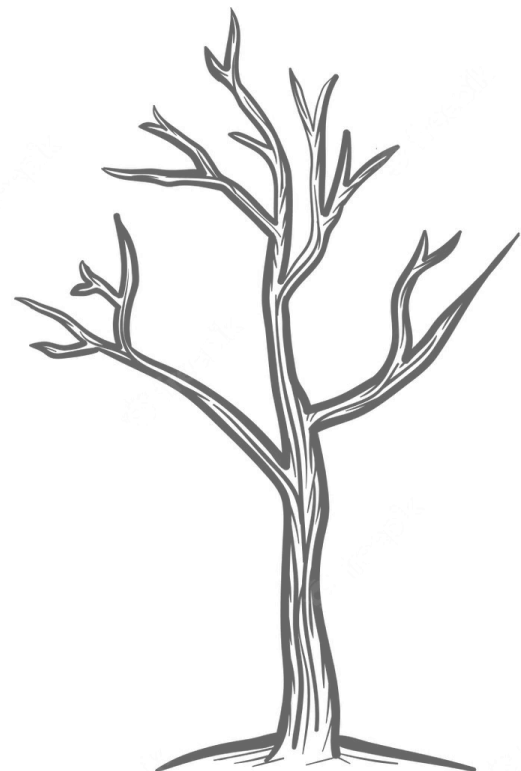


JANUÁRIO GARCIA OU AS SETE ORELHAS

JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA SILVA

1843



JANUÁRIO GARCIA OU AS SETES ORELHAS

[ROMANCES E NOVELAS, NITERÓI, 1843]

I

ONDE ESTARÁ ELE?

Onde? – Na eternidade.....

Magalhães

Malheur à vous, malheur, ame damnées

Ant. Descamps

Era noite; — e em casa de Januário Garcia tudo estava mudo e melancólico; ali, na rica sala apainelada e trastejada à antiga portuguesa, tudo respirava silêncio como em velho templo esbroado e decaído ... Apenas escassa e trêmula luz do candeeiro, que bruxuleava já à míngua de óleo, palidejava nas empoeiradas paredes ... Apenas lá, de quando em quando, suspiro doído ou lânguido gemido, quebrava o silêncio da tristeza, em que tudo parecia repousar ...

Era ele; era Januário Garcia que suspirava, que gemia de dor, de saudade e de incerteza!

Pobre pai! Havia três dias, que o ilustre sorocabano, sentado numa cadeira, reclinado nos negros braços de jacarandá, com a cabeça esquecida entre as mãos, e todo recolhido dentro de si, meditava profundamente, mergulhado nos mais tristes e torvos pensamentos. Sequer, lá de vez em quando, como que despertando de profunda letargia, volvia os olhos para a filha, que a seu lado acompanhava-o na tristeza e melancolia, e suspirava. Olhava ela ternamente, e respondia-lhe ao suspiro com ai ainda mais pungente; que ai era esse despegado do coração angustiado com o repassar de tristes amarguras; ai, que ia longe, lá onde o pensamento se perdia, baldo do conjecturar; e após, deixava que languidamente dobrasse ela a cabeça contra o colo, como que para chorar; que nem lírio, que debruçando-se de sobre a haste, inclina o caule, entornando as gotas do orvalho da madrugada!

O relógio soou por doze vezes.

— Meia-noite, disse Januário Garcia, erguendo-se com impaciência. Meia-noite, e ele ainda não veio, e ainda esperá-lo-ei, e não virá! Há três dias, há três noites a esperá-lo aqui, a contar uma por uma as horas que me vibram na

alma a desesperação; a olhar a porta, e parecer-me vê-lo entrar! Mas em vão, minha Paulina, o tenho esperado, e em vão esperá-lo-ei talvez para todo o sempre! Ah! que ansiar de vê-lo! E no entanto, tu, minha filha, nada contar-me-ás? É possível que nada por ti conjetures, que nada desconfies?

E abundantes lágrimas desciam dos olhos da donzela, serpeando-lhe pelas belas faces, que eram de carmesim, apagado e perdido no alvorecer da delicada tez.

— Sempre a chorar e a gemer, Paulina! Ah! por minha vida, que isso me constrange ainda mais!

— E o que hei de eu fazer? Que direi, que conjeturarei, que desconfiarei, no meio de tantas incertezas, que qual mistério nos cingem? Fui eu porventura algum dia a depositária dos seus segredos? Não; e pois, nada mais sei que meu pai. Não lhe ignoro as aventuras das caçadas, e as apostas nas corridas com os companheiros, que tudo era narrar-me ele os seus triunfos.

— Porém, acaso nada te confiou na véspera dessa madrugada em que desapareceu? Algum tanto reservado comigo, muito mais que franco para contigo, talvez que por uma ou outra palavra se desse a perceber? ...

— Nada absolutamente.

— Durante esse dia, conservou-se triste e pensativo, com a cabeça elevada para o céu, como que preocupado por pensamentos que não eram da terra, e sem ousar de dar uma palavra, como extasiado com o que lhe passava na imaginação.

— Assim também o vi eu, e tanto que lhe perguntei: — Por que estás triste? Qual é o teu pensamento? — E ele nem sequer me respondeu; porém, suspirou; e percebi que sofria, que um não sei quê de cuidadoso o atormentava. Interroguei-o de novo; esperava pela resposta, mas nem palavra, nem suspiro ... Mudo era, e mudo ficou, como se a alma lhe não habitasse mais naquele corpo. Assentei-me junto dele, instei, mas em balde, que nada consegui. E só alguns minutos depois, me disse tristemente que seu mal era grande, grande como eu o não supunha; muito grande, porque lhe vinha do peito, e que eu não podia mitigá-lo. Então me tomando a mão, colocou-a de sobre o coração, que batia, e batia muito.

— E por quê?

— Não sei; mas quis sabê-lo, e por isso observei-o por todo esse dia. Mas ele conservou-se ou sempre melancólico, silencioso, pensativo, ou dando de momento em momento mostras de impaciência. À noite, porém, ceou conosco, e mostrou-se menos contristado e insofrido. Não foi assim?

– Conversou, porém pouco, e parece-me e tenho cá para mim, que procurava ocultar-me o pesar, ou o quer que era, que lhe calava pela alma, pelo coração, por todo ele.

– Sim, estive pesaroso, e acabada que foi a ceia, retirou-se direito para o seu aposento. Eu fui assentar-me junto de mamãe a ler para ela as *Horas*, e depois, dirigimo-nos à capelinha para aí rezar o terço; mamãe mandou chamá-lo ...

– E ele respondeu que estava indisposto, que não podia vir, não?

– Assim disse. Mas quando me fui deitar, soavam dez horas, e ouvi-lhe a voz, que docemente acompanhava com sons de guitarra, ao melhor tanger; abriu manso e manso a minha janela, de modo que não fizesse estrépito, porque não perdesse uma só palavra e porque não me desse a conhecer na minha curiosidade. A noite, que estava linda e clara com a luz da lua que brilhava no céu entre as estrelas, fez-me que assim pudesse vê-lo distintamente, sentado num dos bancos de pedra do caramanchão de maracujá; era ele que cantava e tangia.

– E o que cantava?

– Uma xácara.

– Mas que xácara?

– A do *Bernal Francês*, aquela que mamãe nos ensinou quando nos acalentava; não a dizia, porém, do princípio ao fim, mas tão somente aquela pane:

Quem bate à minha porta,

Quem bate oh! quem está aí?

– *Sou Bernal Francês, senhora,*

Vossa porta a amor abri.

Como o ouvi por muito tempo, suspirei afinal, quase que involuntariamente; ele ouviu-me, deu fé de mim à janela de onde eu o enxergava por entre as folhas das árvores, e calou-se. Depois, ergueu-se e seguiu não sei para onde. E eu, como estivesse cansada e a bocejar, quase caía por fim de sono, pelo que fechei a janela e recostei-me no leito, tendo encomendado a mim e a ele ao Anjo da Guarda. Adormecida, passava por ligeira modorra, sonhava com palácios e fadas, e via-me, no meio de tanta grandeza, casada com um príncipe encantado, quando de repente, despertando, ouvi-lhe ainda a sua voz e os mesmos versos da cantiga, vindos porém de mais longe.

– E depois?

– Depois só ouvi o canto dos galos, e arredo, muito arredo, os latidos dos cães, e para logo dormi.

– E onde estará ele agora?

– Deus o sabe e Deus no-lo trará, respondeu a velha Ana que vinha a entrar.

– Nada desconfias por ti? perguntou-lhe Garcia.

– E de quê? Tem-se-me feito essa pergunta uma, vinte, cem e mil vezes! Deixá-lo, deixá-lo que Deus no-lo trará a seu bom tempo. Sem dúvida alguns amores o retêm por aí, que isso de rapazes dos vinte até os trinta é nunca cansar de correr. Lembras-te daquela formosa moçoazinha?...

– Qual moça?

– Pois não conheces D. Leonor ...

– Não.

– Conheces, conheces muito bem, que já a viste; é porque não te queres lembrar; assim te não lembrassem tristes coisas!

– Pode ser. Mas por onde irá aquele rapaz?

– Deixá-lo lá andar. Olha, o nome do pai da moça é um nome que quase nunca me esquece ... e entretanto agora ... olha, chama-se ... chama-se ele ... chama-se Antônio Simões ... da vila de Itu.

– O nosso hóspede! Há dois para três meses que o pai e a filha aqui estiveram, que foram nossos hóspedes, e desde então talvez? ...

– Sim, eu por mim não duvido da existência de alguns amores entre eles.

– E nem tens razão para o duvidar, que se a criança sair ao pai, temos muito que se lhe diga e que ver.

– Mas essa menina estava prometida a um sobrinho de Antônio Simões, que a esta hora em que falamos talvez já a tenha por mulher.

– E o que tinha ele com isso para deixar de amá-la? Cego, que tens olhos e não vês; surdo que tens ouvidos e não ouves, vê que te descubro tudo; nosso filho ama, delira, enlouquece por D. Leonor!

Dizia bem a discreta mãe, que na pupila dos olhos do mancebo, não queria ele mais outra imagem que o alvo semelhante de Leonor; no coração não lhe existia outro sentimento mais que o desse amor que ele lhe votava tão abundante; dos lábios não lhe pendia outro nome que não fosse o de Leonor,

nem na imaginação trazia outro pensamento que o consórcio dessas duas almas que verdadeiramente se amavam.

– E como sei de tudo, prosseguiu Ana, porventura me comunicou ele o quer que seja? Não, mas meus olhos viram gestos que exprimiam esse amor, e meus ouvidos escutaram palavras que o explicavam.

E depois tudo isso confirmará uma dessas insignificâncias que passam despercebidas para nós, e que entretanto são muitas vezes assaz entendidas de dois corações atormentados pela necessidade de se abraçarem em segredo, de sufocarem em si mesmo a explosão de delírio, de encanto, de prazer, de angústia, de saudade, por tudo isso que aí se diz com uma única palavra – amor!

Na manhã em que Antônio Simões partiu para Itu com a filha, entrou Ana, casualmente, no aposento onde essa dormia, e notou que ali tinha deixado uma bela rosa. Poucos instantes depois já lá não a viu, e passando pelo aposento do filho, encontrou-a em um lance de olhos; tinha-a ele entre as mãos, junto dos lábios, sob os olhos, donde lhe caíam algumas lágrimas que lhe rolavam pelas faces.

Isso tudo ponderava Ana.

– E de que serve isso? replicou Garcia. Muito longe vamos da verdade, pois que todas essas conjeturas e desconfianças mal nos podem instruir para a decifração deste enigma.

Sentou-se Garcia entregue de novo à tristeza, às conjeturas e desconfianças que tanto o confrangiam. Ana recostou-se sobre um velho canapé, e em breve tudo tornou-se silencioso como no exemplo que se fecha às orações dos fiéis, após esses cânticos místicos e religiosos dos sacerdotes; após esses sons melancólicos e melódiosos do órgão, impregnados do incenso sagrado, que expiram tão branda e sossegadamente pelas curvadas abóbadas. Dormia tudo, e apenas lá de espaço em espaço

..... murmurar se ouvia

Ao longe o rio, e menear-se o vento.¹

E repetia-se o ruído do oscilar compassado da pêndula do relógio, que ficava na sala imediata, quando subitamente soou a campa do portão: Januário, Ana e Paulina ergueram-se rapidamente. Abriram-se janelas, escancararam-se portas, que tudo era querer ver quem batia tão de rijo a tais desoras, com aqueles corações palpitando de esperança e também de incerteza; mas a esperança não foi longa, nem também a incerteza durou, que um momento

¹ Basílio da Gama, “O Uruguai”.

depois entrou um tropeiro, que descobrindo-se respeitosamente, saudou a todos, tirou de uma carta, que beijou e entregou-a a Januário Garcia.

– Donde vindes? perguntou-lhe Ana.

– De Itu, respondeu-lhe o tropeiro.

E o sorriso da esperança passou então ligeiramente por sobre aquelas faces que iam a enrugar-se, com não sei quê de triunfante, como um lampejo de tempestade que lavra rápido pelo céu; ela via nessas palavras do tropeiro alguma coisa que confirmava as suas predições; para ela não havia dúvida, Leonor pertencia para sempre a seu filho.

No entretanto Januário Garcia apressando-se em ler a carta, dirigiu-se ao candeeiro, cuja luz conseguiu avivar, Ana e Paulina o rodearam; e o tropeiro, que os viu assim atentos, pondo o chapéu de palha sobre a cabeça e procurando evitar que o *poncho* lhe roçasse pelos umbrais, retirou-se furtivamente.

– Ah! disse Januário Garcia, que má nova traz-me aqui este homem!

E a carta lhe caiu das mãos, que lhe tremiam convulsivas, as artérias pulsavam-lhe, os olhos revolviam-se-lhe com violência em duas órbitas de fogo, como a pupila da sucuriúba quando avista a sua presa.

Paulina, inclinando-se, levantou a carta, leu-a em voz alta:

“Sr. e am^o:

O vosso Filho, o vosso querido Antônio, acaba de ser atroz e barbaramente assassinado, hoje em Itu. Resignai-vos.

Vosso amigo e criado.

Anônimo.”

E essa mãe, que prezava o filho como partícula do coração, e essa irmã, que estimava o irmão como porção da alma, abraçaram-se penetradas da mais angustiada e acerba dor, para misturarem seus gemidos e soluços e suas lágrimas!

– Resignar-me? Resignar-me? Nunca! Ao menos enquanto não vingar-lhe a morte! E voltando-se para o lugar em que deixara o tropeiro e olhando em torno de si: o que é desse homem, o que é do tropeiro? perguntou Januário Garcia.

– Escuta; não ouviste o retinir da campã?

– Sim.

– Não ouves o latido dos cães?

– Sim.

– Não ouves o trotar do cavalo?

– Sim, e então?

– Já partiu.

– Ah, já partiu! Pois bem, vou-me lá, que não hei que temer ... de Sorocaba a Itu é só um passeio ... vai-se com facilidade ... e embora fosse longe, mesmo no fim do mundo ... Oh lá de dentro, gritou ele para o seu pajem. O Anselmo! Vamos depressa num pulo à estrebaria, e o meu cavalo aqui pronto e selado ... vamos; quero tudo em um abrir e fechar de olhos, tudo ...

E o pajem que tinha aparecido como por encanto, desapareceu como um relâmpago no adelgaçar das trevas.

Então voltou-se ele para a cara filha, que soluçando, chorava repassada de angústias, trespassada de dor, chorava estreitada nos braços de sua mãe, que parecia dizer:

– Ah! só esta me resta, não ma roubem que o outro perdi-o, perdi-o para todo o sempre!

– Não chores, minha Paulina; não chores; a morte de teu irmão impõe vingança, mas vingança que nem o céu aprova, nem no inferno vai vibrar de prazer as almas forçadas aos castigos eternos! Deixa que eu o vingue, e então choraremos sem opróbrio, como Davi chorava o seu Absalão! Recordar-nos-á aquele quadro com pungente saudade a nossa antiga alegria, mostrar-nos-á ele eu e tua mãe, gozando da frescura da tarde sob o carramanchão do maracujaeiro, alastrado de roxos martírios, contemplando-te com as Horas sobre um dos nossos joelhos, toda penetrada da sua leitura, e mais distante, lá onde o sol vai a descambar entre nuvens purpúreas do ocidente, o teu irmão, o meu Antônio montado em fogo cavalo, tangendo a buzina e seguido de cães veadeiros, e uma lágrima descer-nos-á pelas faces todas as vezes que levantarmos os olhos para vê-lo!

– Ah! que lembranças tão cruéis!

– Consolemo-nos, minha filha, com a vontade de Deus.

– De Deus, repetiu Garcia, de Deus!

E olhar de cólera caiu sobre a esposa, que estremeceu de terror.

– Dize antes, ajuntava ele, vontade de assassinos, vontade de sicários que me roubaram o tão caro filho, e dos quais jamais poderei havê-lo! O morrer de um filho abre longo futuro; futuro de desesperação, de dor e de saudade, que só

tem termo na lousa do sepulcro, que franqueia o caminho para a eternidade; o morrer de um filho é um vácuo que fica no coração; esse vácuo que ocupava o amor de gozá-lo, vácuo que a saudade dilata antes que o encha, mas que far-me-á desaparecer a consolação da vingança!

E pois, consolar-nos-emos; não com a vontade de Deus, mas com a sua vingança.

Bradou Garcia, e entrando no seu aposento, pôs o chapéu de palha na cabeça, cujas largas abas se lhe debruçaram pelos ombros, envolveu-se em seu poncho e pegando de uma faca, que era de têmpera fina e cujo cabo e bainha de prata tinham por lavrado a firma de seu pai, enfiou-a no cinto de couro que o cingia, e saiu para a sala.

— O meu cavalo? perguntou ele.

— Pronto, respondeu o capanga.

— Adeus, disse Garcia, precipitando-se para fora da sala.

— E aonde vais, Januário, aonde e a estas horas? murmurou Ana.

— A Itu, e cedo nos tornaremos a ver.

E partiu.

E ouviu-se o retinir da campainha, depois o estrépido da cancela do portão, depois o trotar do cavalo, depois soluços, soluços; tudo era soluços!...

II

SETE CONTRA UM

Alone he must march to the terrible fight
Miss Hannah

Paulista infatigável, conhecia Januário Garcia não só os arredores de Sorocaba, mas toda a Província de São Paulo, e ainda mais, que não ignorava ele o trilho impresso nas campinas, aberto nas brenhas e assombrosas florestas, e deixado nas serras pelas formidáveis e terríveis excursões daqueles paulistas, que armando bandeiras e prevenidos dos aprestos necessários à mineração, partiram do Taubaté, foram faiscar terrenos onde vislumbravam granitos de ouro escapados aos principais mineradores, andaram em descobrimento de pedras preciosas; travaram combate de morte junto ao Rio, que desde então ficara intitulado das Mortes, e aonde ainda hoje a tradição honra a memória de

Domingos da Silva Monteiro Rodrigues, cognominado Maioral os Paulistas; que percorreram os sertões do Rio Grande do Sul, de Goiás e de Mato Grosso, dobraram a cerviz até ali indomada do Guaicuru e conduziram-no escravo à sua habitação. Fizeram ainda mais de admirar; que lá se foram a pugnar com espanhóis e arrasaram esses estabelecimentos do Poqueri e do Itutu, cativaram índios e recolheram-se afinal triunfantes a seus lares, não tendo por guia mais que os píncaros altíssimos das cordilheiras! ...

Paulista infatigável, a alma grande e generosa gostava-lhe altas empresas, e aprazia-se no refrescar a memória com o recordar desses feitos da fama de seus antepassados que a tradição e a história nos transmitiram. O coração terno mas vingativo, regozijava-se com o espetáculo sanguinolento de batalhas que lhe enchiam a mente de imagens de sangue, e de cenas dantescas.

Sozinho, descalço, que era esse o andar daqueles tempos à maneira dos que se prezavam de não poder ser tomados logo à um simples volver de olhos por forasteiros ou emboabas, embuçado no *poncho* que era de grosso pano pardo, forrado de outro escarlata, com chapéu desabado, a baluda a tiracolo e a faca à cinta, caminhava sequioso de obter novas de seu filho, finado às mãos de assassinos. Alquebrado porém de fadiga, que havia já três dias e três noites que não repousava, e não podendo prosseguir na marcha, tomou pouso numa venda em Cajurú, que se lhe oferecia em caminho, junto de uma capela.

Mal havia penetrado na pobre e tosca pousada, que logo se lhe apresentaram à vista sete viajantes que sentados à mesa esgotavam algumas garrafas de vinho, péssimo como era de esperar por esses lugares tão apartados, e outras de patricia, de não melhor paladar. A admiração de Garcia cresceu de ponto, tanto que reconheceu nesse grupo de sete viajantes, sete conhecidos.

— Oh! por aqui? gritou um de entre eles.

— É verdade, meu amigo.

— Grande negócio vos traz a algures, murmurou outro.

— Por certo que sim, meu amigo.

— Creio que poucas vezes deixas Sorocaba, ajuntou o terceiro.

— Algumas, meu amigo.

— Logras presentemente grande fortuna? perguntou o quarto.

— Modesta, meu amigo.

— Gozas de grande reputação entre teus vizinhos? disse o quinto.

— De alguma, meu amigo.

– Ouvi dizer que tinhas uma filha, cuja formosura ia a crescer com os anos; se isso assim é ...

– Bonita, meu amigo.

– Não sei que insipidez acho nessas tuas respostas! exclamou o sétimo empunhando o copo, que transbordava de vinho.

– Não ouviste falar da morte que tivera lugar em Itu, não há muitos dias?

– Não.

– De ...

– Pois que ...

– E então ...

– Talvez fosse ... disseram todos a um tempo e olharam-se entre si, e o semblante de cada um deles era o semblante de todos os sete.

Januário Garcia levou o lenço aos olhos que se arrasaram de lágrimas, pelo que não pôde dar fé de tal perturbação.

Pela primeira vez, pois, as lágrimas lhe rebentavam dos olhos, represadas há tanto tempo; quis ainda contê-las, mas em vão; tentou falar, mas balbuciou apenas imperceptíveis palavras que foram para logo sufocadas por soluços! ... O estalajadeiro chegando-se a ele, contemplava a sós com sua alma o que ali se passava ... Recolhia afinal as garrafas esgotadas e se retirava com elas, quando um dos bebedores acenando para os outros, pagou-lhe o que beberam e murmurou-lhe algumas palavras ao ouvido. Despediram-se todos de Januário Garcia, tomaram os cavalos e retiraram-se apressadamente.

– Que almas do inferno! exclamou o tal estalajadeiro.

– Beberam todo o vinho, não? É que vinham com sede, disse Garcia; e oxalá pudesse eu imitá-los!

– Sede? ... Deus me defenda de semelhante sede! ... Oh se soubésseis o que eles me contaram ...

– Está bem, dir-me-ás logo tudo quanto quiseres, dormirei mesmo ao narrar de teus contos, mas por agora dá-me aí um leito que anelo descansar; estou fatigado e sinto-me alguma coisa adoentado.

– Isso é que é mau, que não temos por aqui cirurgião nem curandeiro que seja: se a doença porém não é mais do que sono, entrai e repousai no primeiro quarto à mão direita.

– Tem-me cuidado no cavalo, que suou e sua a fartar, dá-lhe milho, manda que o esfreguem com aguardente e chama-me daqui a uma hora.

– Farei como recomendais, respondeu o vendilhão entregando-lhe um rolo de cera aceso.

Entrou Januário no quarto indicado, desembaraçou-se do *poncho*, desatou a cinta, meteu a faca de sob o travesseiro, e apagando a luz, arremessou-se ao leito, cujo enxergão de palha de milho chocalhando em cada movimento, revolia-se contra o incomodado bem vindo que almejava conciliar o sono que sói tão bem restituir o alento ao alquebrado viajante.

– Não, eu não quero nem devo ficar com este dinheiro; quem deve a Deus paga ao diabo, e ele que o guarde! dizia à porta o bom do estalajadeiro, e o dinheiro retinia nas pedras da calçada à entrada do pouso.

No entanto que Januário Garcia procurava, mas em vão, entregar-se ao sono; a imagem ensanguentada do filho, do seu tão caro Antônio, apresentava-se-lhe à imaginação a bradar vingança, e todo compenetrado de ideias vingativas, ambicionava ele adiantar-se no caminho para chegar a Itu e vir no pronto conhecimento da sua morte. Arrependia-se já de ter pousado, por isso que não lhe era dado fazer-se, e estava no propósito de levantar-se para repartir, quando as vozes do estalajadeiro vieram distrair-lhe a atenção, atraindo para um ponto que entretanto nada tinha de diferente quanto ao pensamento que o prendia e o preocupava há tantas horas.

– Sete, sete fariseus mal encarados, dizia o estalajadeiro à mulher, e que fizeram pacto com o diabo para pagarem a Deus!

– E como assim? lhe perguntava a mulher.

– Entraram-me por aqui e foram logo pedindo uns após outros, tantas e tantas coisas que não havia aí nem mãos a medir, nem tempo a perder; um já querendo vinho do Porto, outro já desejando o de Lisboa, o terceiro já perguntando se tínhamos congonha, o quarto já gritando por cana, o quinto já exigindo cigarros, o sexto já instando por comer alguma coisa, o sétimo apeteecendo peixe, caça, tudo, para por fim contentar-se com um copo de temperada. Sentaram-se após muita zambaia e cumprimentos, e eu que os servia sem saber a qual primeiro acudisse, e que os tomava por sete folgazões, fiquei pouco depois tão arrepiado, que as pernas se me estremeciam como se fossem varas verdes, e eu cambaleava como se estivesse embriagado! Ah! ao ouvi-los, tremedeiras de horror, Catarina, procurarias persignar-te às escondidas, que não dessem eles por isso, e farias de boa vontade promessas aos teus santos milagrosos, que te livrassem de tão ruins presenças!

– Em que, porém, falaram eles? Dize, homem de Deus.

– Em quê? Ah! se os ouvisses! ... Falaram no que eu, bem a meu bom grado, pagar-lhes-ia ainda em cima para não ouvir e saber, e embora me enxugassem o vinho do Porto, o de Lisboa, a cana e a temperada, embora tomassem toda a congonha e fumassem todos os cigarros, que tudo isto nem valeria a pena de arriscar, contanto que me deixassem eles com o espírito tranquilo e sossegado, como até aqui tenho vivido! Foram sete demônios que aqui me entraram, sete e cada qual mais formidável, mais temível ... Escuta e vê se o caso é para menos, ainda mesmo quando se tenha o coração traquejado de um não acabar de horrores que vai por todo esse mundo de Cristo. Relataram-me eles, como o fariam mouros, e cada qual querendo ser o narrador, que um moço de Sorocaba se havia enamorado de uma menina muito rica, muito linda de Itu, e que por arte de namoros, que tudo é facilitar ainda os mais invencíveis passos, conseguira introduzir-se em casa dela, mas com tanta infelicidade, que foi para logo acolhido às mãos do pai ...

– De Antônio Simões! disse consigo Januário que o escutava e sentando-se na cama.

– Pobre moço, ajuntou a mulher em tom de verdadeira compaixão.

– E que pensas tu que faria ele?

– Deu-lhe de chicote?

– Bofé que não, minha Catarina, e antes mil vezes isso, que a infâmia apenas nos indigna, mas a maldade e a fereza horrorizam-nos a todos e deixam-nos o coração sangrando de dor.

– E então o que fez?

– Manietaram-no, continuou ele, como se houvessem capturado algum índio ou negro fugido, e entregaram-no a esses algozes que aí estiveram a beber, a comer, a fumar ... e tão senhores de si!

– E eles?

– Eles, segundo a recomendação feita pela família da menina, deveriam levá-lo ao pai, contar-lhe o que se havia passado, e exigir que, como delinquente, fosse castigado, a fim de se emendar para o futuro.

– E nada disso fizeram?

– Nada! Pegaram do mísero mancebo, ligaram-no a duas estacas e afiaram as suas navalhas...

– E depois, José?

– Esfolaram-no vivo! ...

– Vivo! Senhor Deus! exclamou a mulher.

– Vivo! vivo! ... replicou o estalajadeiro.

– Que horror, meu Deus! que horror ...

– Depois cortaram-lhe perna por perna ... coxa por coxa ... braço por braço ... orelha por orelha ... que tudo enviaram ao pai da menina; acabaram-no decepando-lhe enfim a cabeça e arrancando-lhe as entranhas.

– Ah! Jesus! que barbaridade!

– Assim foi; e como aqueles canibais que devoraram o bispo da Bahia, no monte que tornou-se para sempre estéril e com as fontes secas, eles não só se regozijavam de reproduzir por palavras o que haviam obrado sobre o mísero Antônio, mas até bebiam, comiam e fumavam tão senhores de si, que era abominável fúria vê-los tão criminosos e tão sem remorsos! ... Assim estavam quando entrou Garcia, esse homem que aí dorme ...

– Ah! fala baixo que te não ouça ele ... disse Catarina.

– Sim, mas eu sempre hei de dizer-lhe alguma coisa; coitado! é sem dúvida algum parente ... talvez o pai do moço! ...

– Desgraçado! ...

– Mal o viram que se deram por conhecidos; não sei, porém, o que disse ele, que todos perturbaram-se; era a consciência que os atraía. Mas o pobre do homem nem sequer deu por isso; enxugava os olhos que se lhe desfaziam em lágrimas, sufocava os soluços; quando eles aproveitando-se da ocasião, comunicaram-se por acenos, ergueram-se a um tempo e vieram pagar-me. Maldito dinheiro, que rejeitei arremessando-o à estrada; lá está, e os pobres que dele se utilizem; Deus lhe ponha a virtude.

– Toma, resmungou-me um dos tais, em voz sumida, ao ouvido, e dando-me algumas moedas; toma, e caluda! Para língua comprida, sete facas, Sr. José!

– E saíram.

– E tu o que fizeste?

– Eu, mal que os vi pela porta fora, tratei do viajante.

– Oh! meu Deus! É ele! É o desgraçado pai! disse a mulher do estalajadeiro, apontando para Januário Garcia.

— É ele!! ... acrescentou o estalajadeiro voltando-se e tornando-se pálido e imóvel.

Transido de horror, com os cabelos eriçados como a coma de javali, apareceu Januário Garcia, cuja figura infundia terror a quantos a viam; em pé, com a sua sombra estendida ante si, estava todo convulsivo, que os dentes lhe rangiam de raiva, os músculos estremeciam, e os trajos balançavam com ele; como quando palpita a terra, que tremem os troncos, e que se agita a folhagem, parecendo convulsas as árvores. Quis falar, mas as fauces secas, mas a língua presa, não lhe permitiram; e assim se conservou embargado por algum tempo ante o estalajadeiro e a mulher, mudo e imóvel como os troncos robustos do ermo.

— Precisais de alguma coisa, senhor? perguntou enfim o estalajadeiro.

— Falai, ajuntou a mulher.

— Nada, respondeu Garcia; e metendo a mão na algibeira, tirou de algumas moedas, que arremessou à banca; aí tendes o que eu te devo; é-me necessário que parta antes mesmo que amanheça; já não vou a Itu, como tencionava; meu rumo varia. Sim varia ... Que a ponta de minha faca se volta para os assassinos de meu filho, que é o seu norte! Morte e vingança a esses sicários sequiosos de sangue, a essas onças famintas de carne humana! Morte e vingança aos assassinos de meu caro Antônio! O meu cavalo, que quero partir, e lá saciar a sede de vingança que me devora; eu os seguirei, e eles tremerão de mim, e vingado que tenha tão bárbaro martírio, levar-lhes-ei as orelhas a esse homem vil, que deles recebeu as de meu filho. Vamos, estalajadeiro, vamos! Aviai-me!

Era ele, era Januário Garcia que pedia, ou antes que mandava, e força era obedecer-lhe, que essa figura incutia respeito, que essa voz que soava como um trovão, impunha obediência. O estalajadeiro cumpriu-a, e arreado e posto o cavalo imediatamente à sua disposição, saltou Januário Garcia sobre ele, bateu-lhe as rédeas, enterrou-lhe as esporas nos ilhais, e desapareceu entre nuvens de pó que toldavam os ares.

Por todo o caminho tomava e exigia informações mais ou menos acertadas, e por todo o caminho, os viajantes lhe davam, e lhe confirmavam a um tempo, a notícia de haverem encontrado sete cavaleiros que galopavam a bom galopar com direção à Sorocaba.

— Vão levar-me a pele de meu filho, repetia consigo; vão ... e eu lá estarei para recebê-la!

E o cavalo voava; e o paulista percorria esses campos alastrados de boçorocas, por entre feiras de bestas, e cavalos vindos de Curitiba, e do Rio Grande do Sul, apinhadas de traficantes, de comerciantes, e compradores, deixando após si esse gigante famoso do Ipanema, com as suas entranhas de ferro.

Atravessou o rio que dá nome à vila, avistou a igreja de Nossa Senhora da Ponte, padroeira da sua matriz, esclarecida já pelos primeiros raios do sol, que se elevava saudado pelo hino da terra, rompendo os nevoeiros, e como que incensado por essas florestas, donde se erguem, ao bafo da manhã, nuvens do aroma, que convidam à vida; e pouco depois apeava-se à sua porta.

Saíram-lhe ao encontro Ana e Paulina, receberam-no nos braços, e depois ouviram, entre brados de vingança, e arrepiadas de horror, a terrível narração que ele, a espaços lhes fez do que, não havia muitas horas, tinha escutado do estalajadeiro do pouso de Cajuru.

Ah! já não era a morte de Antônio que deploravam, era esse martírio, o horrível morticínio, as atrocidades sobre atrocidades que ele sofrera antes de dar o espírito a quem lho tinha dado.

Era, porém, Januário Garcia, por uma dessas vontades de ferro, impassível; comera alguma coisa; e tranquilo sobre sua sorte, firme em realizar seus fundos pensamentos, mudou de trajos, preparando-se para mais dilatada viagem; dilatada, enquanto não enchesse seus votos, enquanto o prazer da vingança não se convertesse em riso de triunfo e de satisfação derramando-se-lhe de sobre as faces.

— Ei-la aqui a minha faca! bradou ele; o único presente que de meu pai recebi, e em que, por lembrança, gravei-lhe a firma sobre o cabo de prata; com ela atravessou ele sertões, subiu e desceu essas serras altíssimas, entranhou-se por brenhas, vagou pelas solidões das feras, e entretanto transmitiu-a ao filho, pura e brilhante, sem pinta de sangue, limpa como saíra das mãos do fabricante. Também esforcei-me até aqui por não manchá-la; era a melhor herança que deixaria ao meu Antônio; e no entanto, sete vezes o sangue de sete homens perversos, imprimir-lhe-ão inapagáveis manchas! ... Ei-la aqui! Com ela rasgarei os peitos desses mais perversos, mais indignos monstros; sim, arrancar-lhes-ei a vida, como eles arrancaram a de meu filho, e para provar a minha vingança, para mostrar que todos eles pagaram ao pai a dívida do filho, trazer-te-ei, mulher, uma orelha de cada um; trazer-te-ei pois sete orelhas!

“Cobardes! Sete contra um! Sete contra meu filho! Pois bem, agora tudo se vos mudou; agora será um contra sete! Eu só contra todos, eu só, que só eu devo

marchar ao terrível combate !... E eles não vieram? Recearam o encontro do leão, a luta da vingança? Pois bem! Se preciso for, ir-me-ei ao fim do mundo a encontrá-los! Proteja Deus a minha vingança, tenha ele piedade de mim, armando o meu braço do raio de sua justiça eterna, para desafronta de tantas atrocidades! Se os céus desaprovam esta minha vingança, que me deixem primeiramente encher meus votos, cumprir esta minha promessa cá na face da terra, e depois que me rejeitem lá para os seios do inferno! ...

– Misericórdia, meu Deus! murmurou Ana, levantando as mãos e os olhos em lágrimas para o céu; perdão para ele que blasfema na sua tribulação! ...

O paulista pegou na sua baluda, e disfarçado, partiu sem se despedir da esposa, e da filha.

Determinou-se assim para não condoer-se com as lágrimas de saudade, com os ais da dor da separação e com os abraços da despedida, esses laços tão curtos que aperta a partida, esses laços tão ternos que afrouxa e desata a ausência!

E depois, a inconsolável esposa, e a chorosa filha, voltadas ambas para o lado para onde ele seguira, levavam saudosamente os olhos, e com eles buscavam-no através dos véus das lágrimas, que tudo envolviam ...

Buscavam-no; mas em vão!

III

FUMO E CACHAÇA

Il le porte à sa bouche. Ô douleur! ô surprise!

Il voit..... ciel!.....

F. J. Ducis

Alta ia a noite; e no céu como que dormia a tempestade envolta em negro manto, com o seu respirar roufenho e prolongado, e lá de quando em quando como que despertava e vibrava terrível olhar, que amedrontava a terra; rugia o vento emaranhado nas folhas da espessura, e ouvia-se ao longe o bramir feroz das sucuriúbas e das sussuruanas.

Só a pé, caminhava Januário Garcia, de noite como de dia, em cata dos assassinos do chorado filho, que o juramento que fizera em face de sua mulher e sua filha havia ele cumpri-lo, pois não há aí voltar atrás para a palavra do paulista.

Errante, vagava em busca de asilo em que lhe dessem gasalhado, a fim de repousar de tantas fadigas que começavam de acabrunhá-lo, quando avistou lá mui retirada e em solidão, uma luz que bruxuleava funebremente por entre a ramagem de alguns troncos do vale, e que lhe indicava a existência de o quer que era de habitação humana; e para ela se encaminhou.

Era tosca e humilde choupana que se elevava sobre um combro do vale; tinha a porta fechada, porém distinguia-se perfeitamente por entre as carcomidas grades que lhe guarneciam a janela, as prateleiras empoeiradas da taberna, que outra coisa não era ela. Havia botijas de cachaça, rolos de fumo, cabaças com melaço, rapaduras, queijos ... e sobre a banca que estava posta nomeio da saleta, garrafas, copos, canecas e cangirões. Pendia do pilar uma enegrecida candeia, cuja luz alimentada de pinhões, derramava-se pelas esbroadas e encardidas paredes, cobertas de armas enferrujadas, e enfiando-se pelas grades da janela ia perder-se de reflexo em reflexo pela amplidão do vale. O coração de Januário exultou, que ainda bem não ia incomodar a algum pobre particular, cuja delicadeza se esforçasse por lhe fazer aceitar o seu leito; e sem mais hesitar bateu com força.

— Quem está aí? perguntou uma voz áspera e dura.

— Quem pede um pouso para si, respondeu Januário Garcia procurando ver com quem falava.

— A tais desoras! ... os quartos estão ocupados por viajantes que vieram mais cedo, que quem primeiro canja, primeiro manja.

— Que desaforo! Então os que primeiro chegam usurpam aos mais o direito da hospitalidade?

— Lá disso nada entendo.

— E não haverá qualquer cômodo que seja?

— Tudo está ocupado.

— Negras e pejudas nuvens anunciam próxima tormenta, o trovão ronca aproximando-se mais e mais, o frio tolhe-me os membros, e além disso estou mais que muito afrontado de afã e cansaço. Não há cômodos, mas se entanto me deixas, dormirei sobre essa banca.

— Não pode ser.

— Maldito! bradou ele com energia; e a voz retumbou na choupana.

— É o que lhe digo, retorquiou-se-lhe com voz áspera e dura.

– Ou hei de entrar, disse Januário Garcia consigo experimentando a porta, ou as grades ou a porta me franquearão passagem.

– É tempo perdido teimar, que não abro a porta em tão adiantadas horas.

– E o que ternos para comer?

– Fumo e cachaça.

– O que temos para comer? interrogou de novo o paulista pensando não ter sido ouvido.

– Fumo e cachaça, repetiu o da choupana.

– Para comer?

– Fumo e cachaça.

– Fumo e cachaça! ... Pois bem, abre-me, abre-me a tua porta; quando não, abri-la-ei eu à coronhadas.

E aberta que foi a porta, entrou Januário Garcia e para logo achou-se frente a frente com um homem claro e corado, de pouca barba, e que a tê-lo visto tão corpulento, por certo não falaria com tanta franqueza e audácia.

– Uma vara de fumo e um quartilho de cachaça, gritou ele fitando os olhos do indivíduo da choupana, que ficou imóvel sem que nada ousasse de fazer.

– Venha fumo e cachaça, replicou o paulista.

O taberneiro resolvendo-se a servi-lo apresentou-lhe uma botija de cachaça, cuja poeira teve o cuidado de espanar, e uma vara de fumo que cortou do rolo.

Garcia que não o perdia de vista, levou a mão à cinta, sacou da faca e pôs-se a picar a vara de fumo.

– Dobrava-me eu de cansaço e negaste-me a tua choupana; temia-me da chuva e não me quiseste abrir a tua porta; tiritava de frio que todo me gelava e entorpecia, e não me valeste com o agasalho que rogava; ardia de sede, esfalfava-me de fome, e perguntando se tinhas alguma coisa de comer, respondeste-me que havia fumo e cachaça!

– Mas, senhor ...

– Tu bem me conheceste a voz: o tom pausado denunciou-te que ouvias a um paulista, a um desses papudos, a quem saúdas com o riso do sarcasmo nos lábios, que ouves com a irrisão da ironia no coração ...

– Não há tal, eu só quis ...

– Sim, acreditam geralmente por esse mundo de Cristo, que vive o paulista de mascar fumo e beber cachaça, e que cumprido que seja esse preceito, pode ele fazer o juramento que bem lhe parecer, que não o fará em vão. É essa uma zombaria provinciana e bem ridícula, mas tudo por mais sagrado que seja se ridiculariza, e como a palavra do paulista vai-se tornando proverbial, tu e os da tua laia deram na ébia de ridicularizá-la.

– Sim, senhor; tudo isso, porém ...

– Tudo isso porém que aqui está neste copo por certo que não será para mim, que sim para ti ...

– Para mim?

– Aqui tens, que já misturei tudo, agora resta que o bebas e sem resistência.

– Senhor, pelo amor de Deus, que essa bebida não se acomodará muito com o meu estômago.

– Olha! Vês essas orelhas?

– Ah sois vós! exclamou o taberneiro horrorizado.

– É verdade, sou eu, Januário Garcia, que com este nome deixo na terra o trilho da minha vingança e levo ante mim o temor a meus inimigos; que jurei não voltar ao seio da família, sem sete orelhas ... Ainda me faltam quatro ... Olha a faca que talvez jaz ainda tinta de sangue da última vítima ... Bento Pinto, Gonçalo e José Gomes, já se consomem para todo o sempre nas chamas do inferno ... Vê pois o que fazes!

– Esperai, eu volto já.

– Não, tu não me hás de escapar assim tão facilmente que estás seguro, e seguro pelo meu braço. Quiseste te divertir comigo; e eu sou agora quem me divirto contigo. E o que é desse teu falar tão ousado e arrogante? Temerário, que tanto te acobardas agora, que mais me pesa do teu atrevimento do que dele me ofendo.

– Por piedade!

– Pois bebe!

Ameaçava Januário Garcia ao pobre taberneiro segurando-o com um braço e com o outro empunhando a faca e apontando-lhe para o peito, quando dois indivíduos, cujos rostos ocultavam para não ser facilmente conhecidos, o investem, caindo de improviso sobre ele.

– O número é desigual, exclamou ele com acento de Estentor; o número é desigual, que tendes do vosso lado três contra um; mas como o valor de um é para três, não há desigualdade alguma; aceito o combate; e ai daquele em quem só roçar a ponta desta faca, que iguala à língua da maracaboia² cujo veneno é para logo morrer.

E a essas palavras já um dos indivíduos baqueava por terra e ensanguentava o chão, ferido no peito ... Súbito o outro salvava a vida com a fuga, e o taberneiro prostrado de joelhos, implorava perdão e misericórdia ...

– Miseráveis, tanto arrojo para tão pouca façanha, para tão vergonhosa fuga! Quero ver, quero conhecer quem é este que mui depressa rendeu-se à morte.

E o taberneiro que tudo era servir para bem merecer o perdão, que não esperava por suas culpas, deu-se pressa, trêmulo como estava, em arrancar ao exangue a máscara que lhe ocultava as feições, que não os olhos. E era ele, Tomé Lourenço, uma das vítimas de Garcia, que mais tarde ou mais cedo tinha que pagar-lhe com a vida a grande dívida.

Cheio de alegria satânica, com os olhos fuzilando de cólera, com as faces contraídas pelo sorriso maligno da vingança, precipitou-se Garcia sobre o cadáver no delírio da sua fúria e cortou-lhe uma das orelhas e a uniu às outras que pendiam do terrível colar que trazia consigo.

– Agora, disse ele dirigindo-se para o taberneiro, agora é todo meu empenho saber de ti uma única coisa, e perdoo-te o beber essa nauseabunda mistura; o nome do outro? Vamos, responde! O nome do outro que escapou?

– João Gomes, murmurou o pobre vendilhão.

– João Gomes! Esse é um, cujo cadáver também necessito para cortar-lhe uma das três orelhas que ainda me faltam.

– Pois segui-o, segui-o sem perder tempo.

– Sim, dizes bem, segui-lo-ei; quer vivo, quer morto, tem ele de pagar-me essa dívida que contraiu com meu filho; por agora cumpre ainda que me digas para onde partiu.

– Por vida minha que o ignoro.

² A cobra cascavel, assim chamada dos indígenas, cujo veneno violentíssimo se desenvolve rapidamente.

– Tu vêes que um braço invisível me protege, vêes que sei de tudo, e entretanto procuras iludir-me! Que faziam esses dois homens aqui? Por que tanto receio era o teu em me abrir a porta?

– Ah eles contaram-me tudo. Viram-vos atravessar de tarde a estrada, e vieram ocultar-se nesta choupana, e pediram-me que negasse a entrada a quem quer que fosse; mas que conservasse a janela aberta na forma do costume, para não dar azo a desconfianças; três dias depois, quando já tivésseis tempo de caminhar longe, deveriam partir, protegidos pela escuridão da noite.

– Para onde segue o que fugiu?

– Encontrá-lo-eis na estrada que vai para Ouro Preto, que é esse o seu destino.

– Pois bem, respondeu Januário Garcia preparando-se para sair da choupana, amanhã ouvirá dizer que pela estrada que vai de São João del-Rei para Ouro Preto, foi achado um cadáver; pergunta se lhe faltava uma orelha: dir-te-ão que sim, e tu acrescentarás:

– Foi Januário Garcia quem matou esse homem; faltam-lhe agora só duas!...

E pôs-se a caminho.

A porta da choupana fechou-se desde então para sempre, e lá a pouca distância, duas cruces alçadas, e algumas pedras que as rodeavam, indicavam que ali jaziam dois corpos.

E o viajante que passava, apeava-se para lançar-lhe uma pedra; e depois prosseguia em seu caminho orando pelas almas dos finados.

IV

SÉTIMA E ÚLTIMA

Un ange ou un démon?.....

A. de Vigny

.....Il tombe.....

La vérité se montre! Tout est fini!

Madame Dudevant

O longo decorrer de tantos dias, qual o que encerra o espaço de dez anos, não pôde abrandar a cólera do infatigável paulista, nem fazer-lhe esquecer os votos de vingança pronunciados havia tanto tempo! ...

Dez anos tinham decorrido; e ainda o inflexível Januário Garcia corria planícies, subia montanhas, descia vales, e se entranhava pelas brenhas, em procura da sua última vítima.

Embuçado no *poncho*, com o chapéu de largas abas, com a cinta onde prendia a faca, a terrível faca seis vezes banhada em sangue, e com a sua baluda de coronha de pé de cabra a tiracolo, jazia uma noite recostado a uma sapocadeira, esperando o alvorecer da madrugada, para conhecer aonde estava. O dia que não tardou em mostrar-se no horizonte rodeado de toda a pompa e majestade, fez-lhe ver que se achava ante uma povoação. — Foi como o grito de terra soltado a bordo que veio inundar-lhe o peito de júbilo; que esse corpo fatigado de tantos erros e desvios se enlanguescia, e necessário lhe era o repouso.

Caminhou Januário vagarosamente para essa nascente Vila Boa de Goiás, que parecia surgir do meio das flores e folhagem dos bosques que a contornam, e sorrir-lhe benigna, como se fosse ele o seu bem vindo. O painel mais pomposo e mais belo da natureza, cheio de encanto, de vida, de harmonia e da poesia, desdobrava-se-lhe aos olhos, avezados à contemplação dessas cenas, e sempre nelas embevecidos!

Casa de aspecto menos rústico era essa que aí entre outras se elevava no princípio da vila; e Januário Garcia parou à porta e pediu que o deixassem descansar. Abriu-se a porta e imediatamente achou-se na sala onde certo homem, cujos cabelos negros rarefaziam-se entre as brancas da idade madura apresentou-se-lhe, e ambos se cumprimentaram.

— Este semblante, murmurou a um tempo cada qual consigo, no mútuo entreolhar, não me é desconhecido!

— Senhor, disse o hóspede, vou mandar preparar o almoço: comereis do que há por estas alturas da nossa Vila Boa de Goiás, e no entanto descansareis; podereis mesmo vos deitar se isso vos aprouver, pois que aqui não deveis fazer cerimônia de qualidade alguma.

— Obrigado, respondeu friamente Januário.

— E voltarei para conversarmos; que sem dúvida haveis de saber muitas coisas antigas que serão novidades para mim, e eu estarei no mesmo caso para convosco.

— Sim, senhor, voltou-lhe Januário.

— Esquecia-me perguntar se não quereis mudar de trajos.

— Agradecido.

Retirou-se o hóspede; e Januário pôs-se a passear pela sala, na qual tudo lhe atraía a atenção. — A mobília simples e rústica, o sítio, as árvores apinhadas pelas planícies em graciosos grupos, as palmeiras com seus leques abanados pela aragem, os penedos, as águas que serpejavam sonoramente retratando o azul do céu, tudo lhe trazia à memória doces e vivas lembranças, que lhe eram tão caras! Parando ante um espelho, refletiu atentamente na mudança de suas feições; e seus cabelos negros outrora, começavam agora de alvejar; suspirou! Sentou-se; e gotas de lágrimas escoaram-lhe pelas faces que iam a enrugar! — Depois ergueu-se, voltou os olhos em tomo de si, e como que admirado do que via, fitou com atenção o olhar num painel que pendia da parede, e cuja cena tocante lhe oferecia um espetáculo que lhe partia o coração. — Era um paulista que junto da sua consorte gozava da frescura da tarde sob uma latada de passiflora coberta de rosas da Paixão e de frutos: escutava ele cheio de recolhimento a leitura das *Horas*, a que procedia uma linda menina; e voltava da caça um jovem, montado a cavalo, tocando a buzina, e precedido de cães veadeiros. — Declinava o sol entre as nuvens do horizonte e os derradeiros raios douravam os cumes das montanhas e dilatavam a Sombra das árvores nas planícies.

Era ele, sua esposa e seus filhos! — Não havia dúvida, esse quadro era seu; conhecia-o por esses rasgos de pintura que pertenciam ao pincel de uma donzela da sua vila, que qual a célebre pernambucana D. Rita Joana de Sousa, entregava-se a esse passatempo para quebrar o tédio do vagar do tempo; e que lho deixara em Sorocaba, na sala da casa, lá pendente da parede!

De Sorocaba a Goiás! A Goiás! ... Tão longe! E porventura não estava ele aí? Mas que coincidência! que encontro! Como viria parar ele ali, como?

E mil pensamentos borbulhavam na mente de Januário, que sentou-se e começou de refletir mais seriamente.

— Talvez, disse ele consigo, conjecturando, talvez que minha esposa se visse em grande necessidade e que o vendesse!

E pensava que a miséria, a miséria com todo o seu séquito terrível, onde figuram todas as necessidades da vida com seus semblantes mirrados e lívidos, e com os olhos de sangue, já fartos de chorarem, açoitasse o seio da família, e assentava em si que necessário era volver-se a abraçá-la!

— Há tanto tempo! repetiu ele. Como os não verei eu, esquecendo pesares de tantos anos por um momento de satisfação! Doce momento, que tanto tarda, pois falta-me a sétima e última! E em vão a busco, em vão: e eu jurei apresentar todas elas! Aonde se esconderá esse homem que deve à terra um cadáver e a mim uma orelha? — O dono desta casa, continuava ele, explicar-me-á tudo isto!

Mas dissimulemos, que não me é ele desconhecido. Já o vi, não sei aonde, e ele conhece-me, pois mirou-me desde os pés até a cabeça, trajo por trajo, feição por feição! Quem será ele? Um anjo ou um demônio? — Um anjo, que salvou porventura minha família da miséria, e a quem ela, agradecida, mimoseou com este quadro — ou um demônio que o roubou, e que hoje o possui?

E a esse tempo, sem ter repousado, a fadiga tinha-lhe desaparecido; e só almejava saber como viera ter aquele quadro à Goiás, como se chamava o hóspede, e depois partir; — ou com o seu colar de orelhas completo, — ou em busca de mais uma, uma só! ...

Pensando assim, agitava-se todo com tais reflexões, tremia com tantas incertezas; quando um menino tão galante, quanto pode ser um menino; tão vivo, tão espertinho, quanto se pode ser na tenra idade, a pular, a saltar, a rir-se de inocência e de alegria, ganhava a sala.

— Meu Deus! exclamou Januário encarando a criancinha, como que para reconhecer-lhe um a um os contornos da fisionomia, é o retrato de minha mulher ... De minha mulher! ... É seu filho, talvez ... Oh! ... As coincidências se multiplicam! ... A fisionomia desse homem que não me é inteiramente desconhecida ... e a fisionomia deste menino tão semelhante à de Ana ... e o meu quadro! ... Oh! que o coração se me despedaça em cem partes! ...

E o inferno com todo o seu oceano de chamas se lhe entornava dentro do peito! E os dentes rangiam, e os músculos contraíam-se, e os olhos revolviam-se em órbitas de fogo, e as artérias pulsavam com veemência, e ele todo agitava-se, comovia-se ... até que pouco e pouco, como procurando tranquilizar-se, aproximou-se do menino, que ria como o anjo da alegria e inocência; buscou afagá-lo, e o menino sempre a rir pôs-se a brincar-lhe com os cabelos da longa barba embranquecida. Tomou-o ele afinal nos braços, sentou-o sobre a perna, e amimando-o, perguntou-lhe como se chamava.

E uma voz tocante, harmoniosa, sensível, respondeu ternamente:

— Januário.

— Januário ... repetiu Garcia, erguendo-se e largando o menino sobre o pavimento. — Que ultraje! ... Que escarnecer de mim! ... Não resta mais que duvidar nem conjeturas a tirar; é seu filho!... O tempo e os trabalhos me aumentaram os anos, branquearam esta barba, que me cresceu até o peito: o sol amorenou-me a tez e mudou-me as feições; o brilho dos meus olhos extinguiu-se no meio da aluvião das lágrimas, e a voz enrouqueceu-se ... A notícia de minha morte espalhou-se talvez de boca em boca, e de há muito que me acreditam de envolta com a poeira dos mortos ... Desfigurado, não tido por

entre os vivos, quem mais me há de conhecer? Ao verem-me os vizinhos, tomar-me-ão por novo hóspede, perguntarão por meu nome, e admirar-se-ão quando me ouvirem dizer: — Eu sou Januário Garcia! — Não me conhecerão, mas eu conhecer-te-ei, mulher! ... Observada continuamente por mim, não deixarei escapar uma palavra ... não deixarei perder o mínimo gesto, não deixarei fugir o menor movimento, e depois ... Ah e depois que tremas! Ana, Ana, tu não saberás que os ultrajes de uma mulher a seu marido custam a vida? Que o sangue, que tão somente o sangue, pode lavar a nódoa da desonra que o difama entre os mais homens? Tu não o saberás? Eu pois te ensinarei! ...

E o menino, sempre a rir-se, o olhava ternamente; porém Garcia aproximando-se da janela, conservou-se pensativo sem dar fé do que se passava em torno de si; porque a inspiração do inferno borbulhava-lhe na mente e refletia-lhe do coração.

De repente sentiu passos, voltou-se e deu com o dono da casa que participava-lhe estar pronto o almoço.

— Sinto-me incomodado; e por esse motivo desculpar-me-eis que não me utilize do vosso obséquio.

— E não quereis alguma coisa?

— Nada absolutamente; desculpai-me, que quando estou incomodado não costumo empregar meio algum para aliviar-me.

— Fazei o que quiserdes.

— E já que sois tão franco comigo, quisera antes de retirar-me, saber com quem aqui me acho.

— Era essa, amigo, disse o hóspede, justamente a pergunta que tinha que fazer-vos, pois que por certo não me sois inteiramente desconhecido, e já vos vi não sei aonde. Porém, quanto ao que me diz respeito, dir-vos-ei em poucas palavras, o que basta. Procurei por algum tempo ocultar o meu nome e a minha pessoa, povoei a solidão, mas hoje, isento de todo o perigo com a morte do mais terrível dos homens, o qual por indisposição e antipatias me jurara ódio implacável, posso sem temor dizer quem fui e quem sou, pois que, assaz conhecido nesta terra, sou estimado de todos, e gozo de reputação como homem honrado.

— Sois filho do Brasil, não é assim?

— E nasci em Itu.

– E esse homem que já não existe, cuja morte vos fez exultar por vos ver livre do mais terrível dos homens, era de Sorocaba?

– Justamente; e acaso o conhecestes?

– Januário Garcia!

– E ainda hoje me horrorizo ao ouvir-lhe o nome! ...

– E pois não vos horrorizais de vê-lo!

– Como? ... O que dizeis? ...

– Sim, ele chamava-se Januário Garcia, e vós sois Pedro Luís ...

– Ah! sabeis meu nome?

– E eu sou de Sorocaba! ...

– E aí me vistes talvez, não?

– E eu sou Januário Garcia! ...

– Januário Garcia ... Vós? ... Que perdição para mim!...

– Pedro Luís! ... Pedro Luís, não me falta mais nem uma! ...

– Januário Garcia, há dez anos que ...

– Que assassinastes meu filho ...

– Os outros foram ...

– Aqui estão suas orelhas! ... Seis orelhas! ... Mas os assassinos foram sete, falta-me pois uma ... e essa, dar-me-eis vós! ... Meu corpo ao inferno, minha alma ao demônio, se vo-lo perdoar! ... Pedro Luís, resta-vos um instante, e nesse instante é para encomendar a Deus a vossa alma ... A oração simbólica dos apóstolos! ... Dizei-a de joelhos ... E o meu Juramento há de cumprir-se em toda a sua extensão ...

– Perdão, Januário, que vos cega a ira! ...

– Nem em nome de Deus; pedis em vão!

– A hospitalidade, Januário ... E vossa filha ... Ah, esperai!

– Não me escapareis ... Meu filho também implorava em nome de Deus, e vós, canibais, o ligáveis a um tronco; ele chorava, e vós, abutres de carne humana, lhe arrancáveis a pele; ele gemia, e vós, onças esfaimadas e carniceiras, lhe decepáveis membro por membro; e ele dava o último arranco, e vós, algozes da barbaridade, lhe tiráveis as entranhas ainda palpitantes! Ah!vós não sabeis por certo em que mãos horríveis caístes! ...

– Perdão por piedade!

– Não!

– Eu sou vosso ...

E Januário Garcia sacava a faca, a terrível faca do seio da sua vítima, que estrebuchava inundada de sangue, quando uma mulher pálida, vestida de branco, com os cabelos soltos, e arquejando horrivelmente precipitou-se sobre ele.

– Que fizeste? ...

– Paulina, minha filha! ...

– Meu pai ... Ele era meu marido! ...

E caiu desfalecida em seus braços.

V

EI-LAS AQUI

.....*L'infenable compagne*
Trembla si fortement.....
Antoine Deschamps

Elle tomba froide et mourante.
Victor Hugo

– E jurando trazer-me uma orelha de cada um dos sete, partiu ... E há já dez anos que o espero; há já dez anos que ninguém me dá notícia dele ... – antes propagam o boato de sua morte ... mas não o posso acreditar porque o coração não mo diz assim.

Desta sorte falava na pobre sala da sua casa de Sorocaba, a mísera mulher do implacável paulista, conversando com Manuela, senhora de rico fazendeiro, há pouco estabelecido na vizinhança: – nessa sala que tão rica fora, e cujas paredes, com as pinturas envelhecidas, conservavam alguns lugares mais avivados, que apontavam à memória os lindos painéis de que se achavam despojados.

– Falastes-me de uma filha que tínheis? disse Manuela.

– Paulina era o seu nome, respondeu Ana. Há oito anos que um homem que aqui chegou, que me pediu hospitalidade, dizendo que seguia para o interior; não

lha pude negar, pois que no tempo de meu marido era esta casa uma como osteria de peregrinos, que procuravam-no pela probidade e honradez de seu caráter, se bem que propenso à uma taciturnidade misteriosa, talvez gerada da meditação em que se engolfava de ordinário e da perseverança e energia com que concebia, planejava e executava os seus mais subidos projetos.

Conversando expus-lhe sem reboço e com singeleza, continuou Ana, a miséria em que me via com a ausência de meu marido, a necessidade que tive de vender as mulatas, minhas mucamas, e de desfazer-me das minhas crias. Ele ouviu-me com mágoa, e consolou-me; e querendo de alguma forma beneficiar-me, mostrou-se agradado de um quadro que pendia daquela parede, o qual representava cenas de nossa família, e era composição de uma moça destes arrabaldes; e oferecendo-lho eu, não o quis aceitar sem que me retribuísse generosidade por generosidade.

— Mas Paulina? Não falais de Paulina, de vossa filha, cuja sorte tanto me interessa como se a conhecesse? replicou Manuela.

— Tudo vos direi. Demorou-se esse homem em minha casa por alguns dias, e com vários pretextos meses inteiros; e como tivesse tempo para observá-lo, notei em seus olhares certa inclinação amorosa, nesse dizer simbólico de amor, que se não pode encobrir, e que ele deixava entrever a seu mau grado, para com Paulina. Rodeada de necessidades, antevendo que breve a miséria vir-me-ia bater à porta, talvez para evitar que um futuro de angústias pesasse sobre mim, propus-lhe um casamento em breves termos. Afinal ele anuiu de muito boa vontade. Passaram-se então alguns dias em preparativos; e tudo nele era apressar o momento do consórcio, e conquanto essas instâncias me fizessem recear algum tanto de um não sei quê de misterioso, contudo encontrava desculpas, quando mais calma e tranquilamente meditando, via que era esse todo o desejo dos noivos. Mas no entanto há certos saltos inopinados do coração, certas ideias inesperadas que acometem a imaginação de improviso e que as mais das vezes deixamos passar desapercibidamente.

— E prontos que foram os preparativos, seguiu-se algum incidente talvez, não?

— Algum incidente! ... Seguiu-se o casamento. Não é, porém, D. Manuela, sob o aspecto de calamidades que o infortúnio se nos antolha. Esse homem, que sacudindo o *poncho* orvalhado da chuva, bateu à minha porta, pediu-me hospitalidade, sentou-se à minha mesa, e dormiu sob meu teto, mal sabia eu quem era ele. Há certas impressões bem extraordinárias! ...

— Continuai que há muito que me tendes suspensa.

– Sempre que me voltava para ele, com o que primeiramente deparava era com a bicha que lhe pendia da orelha, e que imprimia em mim um não sei quê de desconfiança...

– E bem extravagante era essa circunstância!

– Extravagante! ... Era um reflexo revelador do futuro!

– Enfim, prosseguiu Ana, tudo se preparou da melhor maneira que me foi possível; dirigimo-nos uma tardinha à casa do vigário, e aí no seu oratório se receberam os noivos, ouviram as bênçãos do céu, e eu de joelhos rezava para que o Senhor fadasse em bem a sua união ... quando senti espargir-se-me pela alma frio estremecimento, como que uma mão de ferro me apertasse o coração no peito e mo esmagasse; as trevas escureceram-me os olhos; e era a dor, era o desgosto, era o pesar, era o horror, era tudo isso em uma só coisa, que não há nome que a exprima ...

E ao recordar essa agonia as lágrimas caíam-lhe em fio, e os soluços desprendiam-se-lhe dos lábios; mas prosseguiu.

– Uma voz terrível que partiu sem que soubesse donde e como, e que soara no oratório me lançou em uma aluvião de males privando-me do sossego de tantos dias e noites como o brado da vingança:

“Esse homem, gritaram, deve uma orelha a Januário Garcia!”

– Era um dos sete!

– É verdade, era um dos sete. O menos criminoso, porém o mais afoito de todos, que vinha à minha casa colher notícias de meu marido, e que contraindo essa união sagrada com nossa filha, se supunha isento da sua vingança!

– E Paulina?

– Que havia de fazer? Habituar-se a olhar para um dos sete assassinos de seu irmão e pedir ao céu que desviasse a fatal faca do peito de seu marido. Não estava ele, porém, muito seguro da sua sorte, pelo menos não o afiançava eu, que sei até quanto um paulista se esforça para cumprir sua palavra; partiu pois, e partiu para tão longe que nunca mais ouvi notícias suas.

– E vossa filha, D. Ana?

– Partiu com ele; e como era sensível à sua partida, não quis despedir-me dela; quando vieram pela manhã comunicar-me que desejava abraçar-me, mandei-lhe dizer que seguisse o seu destino, que eu ficava a rezar para que se não perdesse de toda sobre a terra, já que não podia ser venturosa; nunca, oh nunca mais!

– Talvez que o céu vos ouvisse e ela seja feliz.

– Não. Meu marido jurou, e o seu juramento ...

Ah! praza a Deus que ao menos, quando a sineta do portão retinir e anunciar a sua chegada, eu já não exista!...

Não acabava quando a sineta do portão soou fortemente.

– Quem será? perguntou Manuela.

– Deus de misericórdia, há dez anos que a sineta não retine tão fortemente!

– E não ouvis o trotar de cavalo?

– E quem, quem será, minha Santa Virgem da Ponte?

Na maior ansiedade procuravam elas, através dos vidros da janela, ver se descobriam alguém; mas a noite era em extremo escura, e portanto impossível distinguir qualquer vulto que fosse, quando por um relâmpago que se abriu nas trevas, viram que um cavaleiro se apeava junto à porta.

– Batem e os cães latem.

– E tão violentamente!

– Quem está aí? perguntaram de dentro.

– Abre, Ana, respondeu uma voz áspera e rouca.

E a porta gemeu sobre os gonzos; e um indivíduo embuçado em um poncho desbotado, puído como o manto de um mendigo que aí vai de porta em porta chorando suas lamúrias, trazendo sobre a cabeça já velho e roto chapéu de largas abas que lhe roçavam os ombros, descalço e enlameado até às curvas, com a baluda pendente a tiracolo, entrou, cumprimentou a Manuela e apertou Ana em seus braços contra o coração.

Era ele, era Januário Garcia, o infatigável paulista, que voltava à sua casa, respirando de afã, contente do seu triunfo, satisfeito de sua vingança, e rico de despojos de suas vítimas.

– Ana, bradou ele a sorrir de prazer e com os olhos ondedos de lágrimas.

– Januário! ... exclamou a mulher estreitando-o nos braços, não sem alguma repugnância.

– Há tanto tempo.

– Há dez anos!

– E o que fizeste durante tão longo espaço?

- O que havia jurado.
- Quê? E será possível, meu Deus!
- Ei-las aqui!

Um brado de terror partiu de todos os lábios, retumbou por toda a sala, e Manuela escondendo os olhos com as mãos, recuou espavorida como se a mão de um fantasma a repelisse, e caiu sobre uma cadeira, que estalou, quebrando-se. Ana, não obstante estar já de há muito preparada ao golpe fatal, à terrível aparição, não pôde contudo deixar de olhá-lo com gesto de terror.

– Ei-las aqui, bradava ele, ei-las aqui para substituírem o quadro que tão de coração estimava, e que tu vendeste! Sim, Ana, aquele quadro que fiz pintar com tanto trabalho, que não havia aí quem mo preparasse, recordava a inocência, os gozos pacíficos e a tranquilidade doméstica de nossa família, e estas orelhas mirradas e secas depois que as colhera a mão da morte, estas orelhas recordar-nos-ão coisas muito terríveis, aí suspensas no mesmo lugar que ainda nos mostra o vivo das tintas tanto tempo resguardadas por ele! Recordar-nos-ão a morte de um filho, o casamento de uma filha, e dez anos de fadigas, de trabalhos, de erros e desvios. Ei-las aqui!

– Ah tira-mas da vista! disse Ana toda contaminada de horrorosa repugnância.

– Tirá-las da tua vista! Como difere nosso sentir! Ah lembrem-te elas o filho, lembrem-te elas que sete réprobos o esfolaram vivo, e depois cortaram-lhe membro por membro, que nada os fartava do nosso sangue, como se a sede da febre de assassinos os devorasse; lembrem-te elas que são despojos de suas vítimas, e regozijar-te-ás comigo.

– Por Deus, pelo descanso eterno de teu filho, eu te peço, poupa-me a esse espetáculo. Depois da ausência de dez anos, não haverá mais em que falar? ...

– Durante dez anos de nada mais quis saber que não fosse notícias dos assassinos; e porventura não nos darão estas orelhas doravante eterno assunto para nossas conversas? Não serão elas daqui em diante o melhor ornamento de minha casa? Aos prodígios do painel de uma mulher, substituem as valentias da faca de um homem, que não do assassino. A riqueza maior que possuo adquirida com o suor das fadigas e das vigílias de dez anos! Assassinos! Oh! Eles bem sabiam quem eu era quando o amaniatavam ao jambeiro, e entretanto quiseram desafiar-me as iras! Viram a prudência em que eu vivia, e pensaram que era fraqueza; tomaram o sono do leão por debilidade de forças; acordaram-no com arremesso furioso, e hoje dormem no leito da morte o eterno sono! Muitos deles

sem uma cruz, que lhes lucre um ai por seu morrer, uma oração por sua alma! Nem sempre seria o pacífico Januário Garcia sorocabano, o amigo de seus paroquianos, tão respeitado por eles, e o amante de sua família, tão amado por ela.

Assim dizendo, largou o chapéu, pendurou a sua baluda à parede, desembrulhou-se de seu poncho, e arrastando uma cadeira, sentou-se junto de Ana. Manuela que tornara a si, que mais a incomodara a queda, com o quebrar da cadeira, estava recostada ao velho canapé, e algum tanto alentada; se bem que o frio do susto lhe coasse ainda nas veias, e a palidez lhe desbotasse as faces.

— Olha, Ana, disse Januário apresentando o terrível colar, e escuta a história das sete orelhas.

— Oh não, por piedade, suplicou ela pondo as mãos e levantando-as para o céu; oh não; deixa-me na incerteza; não ouves? não percebes? ... Na incerteza, sim ... que ao menos ignore tudo ... Na incerteza, Garcia! ...

— Sim, na incerteza, na incerteza, quando eu jurei não voltar ao seio da família sem sete orelhas; quando torno depois de dez anos, e quando tu não ignoras que o paulista perde bens, deixa a herdade, e sacrifica todas as comodidades, afronta um a um todos os perigos, arrisca a vida, mas cumpre o que promete! E entretanto queres ficar na incerteza!

— Ah, Januário Garcia, é a única coisa que te peço nesta vida.

— Pobre mulher! E ainda a instar, sem que se regozije comigo! Enfim, não conhecerás dentre estas orelhas aquela que ...

— Não ... não... Januário.

— Aquela que tem uma bicha pendente com uma figa ...

— Ah! ... Não é verdade! ...

— Depois de dez anos e de tanto procurá-lo, fui enfim encontrá-lo tão longe, em vila tão remota ... Vinguei a minha afronta: ei-la aqui; é de Pedro Luís, do assassino de teu filho e do marido de tua filha! ...

E um ai, um ai de morte partiu dos lábios de Ana que caiu inanimada e fria, aos pés de Januário.

Forcejando por erguer-se, tomou Manuela, trêmula, como estava, o candeeiro, e aproximou-se; Januário, inclinando-se, tentou alevantá-la, mas ela abriu os olhos, volveu o rosto, suspirou languidamente e tornou a cerrar as pálpebras; Januário, recebendo o candeeiro, chegou-se a ela ...

— Ana! ... Ana! ... exclamou ele

– Ah está morta! murmurou a amiga apertando-a em seus braços e chorando.

– Morta! Morta! repetiu Januário ternamente e olhando-a com a mais viva penetração de amor e compaixão.

– Desgraçada família! ... balbuciou Manuela.

– Desgraçada, sim! repetiu ele.

E de repente largando o candeeiro suspendeu a enfiada de orelhas e bradou horrivelmente:

– Mas que importa? Agora pode soar a trombeta do dia de juízo; eu me apresentarei a Deus com estas orelhas – Deus me julgará!

VI

CONCLUSÃO

Alguns anos depois uma mulher cujas feições denotavam ainda a beleza da mocidade, e um moço trajando pesado dó, de joelhos e mãos postas, olhos em lágrimas, oravam tristemente ante a eça que sustentava em féretro.

Os sinos da vila dobravam funebremente.

Era Januário Garcia que se tinha finado, deixando ao inundo a sua tremenda e horrorosa memória, e o terrível cognome: – *O sete orelhas*.

